



FUNDAÇÃO NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International
Board on Books for Young People

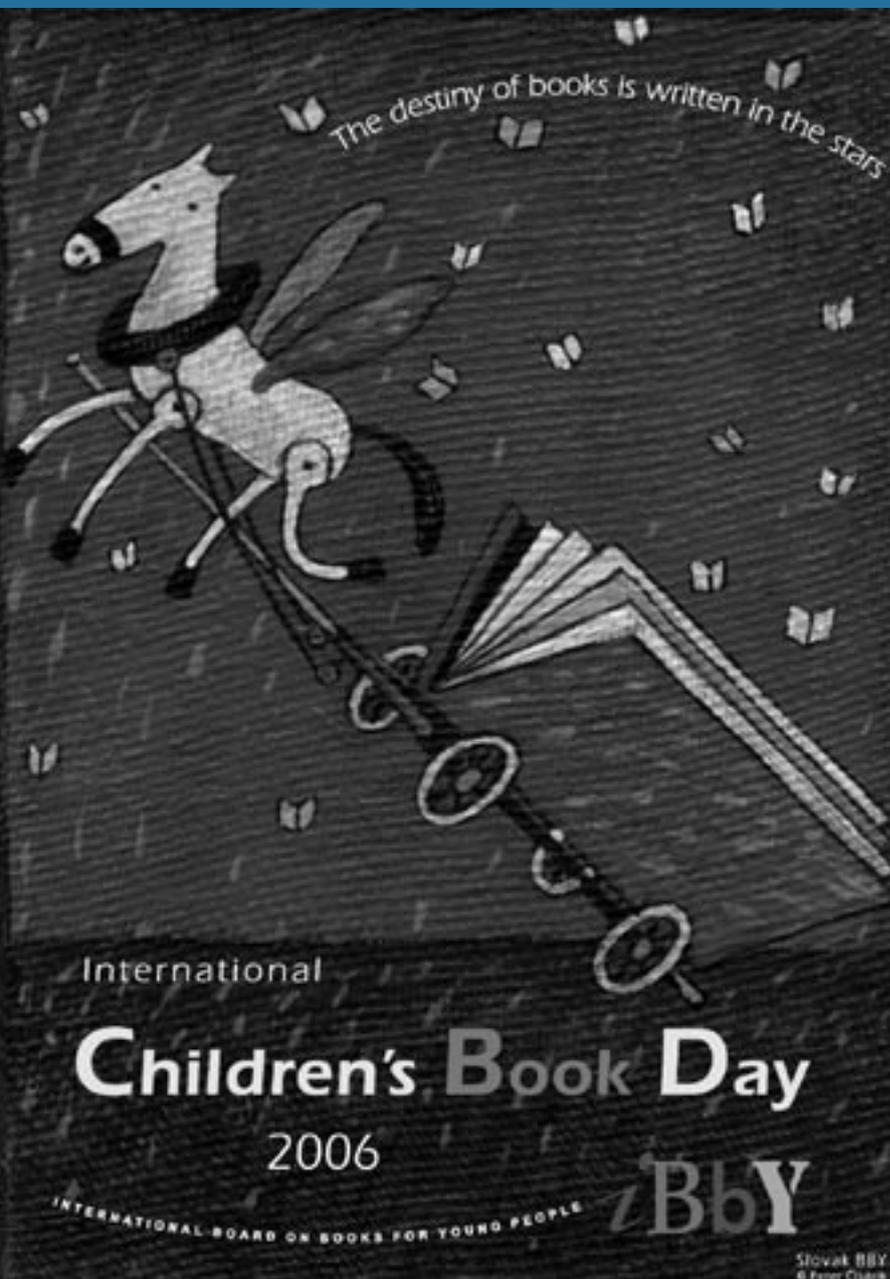
IBBY

Notícias 1

Nº. 1 Vol. 28 – Janeiro de 2006

O “brilho eterno” dos livros

MENSAGEM DILI / IBBY 2006



Anualmente, no mês de janeiro, os leitores do *Notícias FNLIJ* recebem um presente: a mensagem DILI/IBBY.

Divulgada em todo o mundo pelas diversas seções do IBBY, essa mensagem tem como objetivo lembrar uma data muito significativa para escritores, ilustradores, professores, editores, bibliotecários e leitores: o Dia Internacional do Livro Infantil, que é comemorado em 2 de abril, data do nascimento do escritor Hans Christian Andersen.

A mensagem DILI/IBBY, a cada ano, fica a cargo de um dos países membros da organização e tem como proposta a promoção dos livros de literatura para crianças e jovens e a leitura. Os textos são escritos por escritores consagrados e ilustrados por artistas de renome.

Cada nova mensagem é sempre surpreendente, pois não só nos revela uma história de vida como também nos conduz a universos imaginários. Os autores das mensagens nos convidam à reflexão e também nos impulsionam à ação, despertando em nossos corações e mentes o desejo de transmitir a outros leitores, sejam eles adultos, crianças ou jovens, essas palavras que falam do “brilho eterno” que está contido nos livros de literatura.

Em 2006, Ján Uliciánsky, de Bratislava, na Eslováquia, associa os livros com as estrelas. E, como bem sabemos, muitas vezes, os livros, como as estrelas, estão tão distantes e inacessíveis para tantas crianças e jovens!

O escritor eslovaco, ao relatar um episódio comovido de sua história familiar, nos mostra que é preciso acreditar no destino mágico dos livros. Pois, apesar de todas as dificuldades, num tempo de guerra, sua mãe pôde conhecer, ler e se apaixonar pelos contos maravilhosos de um grande escritor: Hans Christian Andersen.

A FNLIJ, ao divulgar esta mensagem, espera que os professores brasileiros também desejem, como nós, que o “brilho eterno” dos livros esteja ao alcance de todas as crianças, desde bem pequenas. E que este texto possa ser o ponto de partida para muitos, muitos projetos de leitura que serão desenvolvidos nas escolas brasileiras em 2006!

Continua na página 2.



O destino dos livros está escrito nas estrelas

Ján Uliciansky
Ilustração de Peter Cisárik
Tradução: Elda Nogueira

Os adultos sempre perguntam o que acontecerá com os livros depois que as crianças pararem de lê-los.

Talvez a resposta seja esta:

— Colocaremos todos os livros em uma enorme nave espacial e os enviaremos para as estrelas!

Os livros são como as estrelas no céu à noite. São tantas que não podem ser contadas e estão tão longe de nós que não ousamos ir tentar tocá-las. Mas imaginem como ficaria escuro, se um dia todos os livros, estes cometas em nosso universo cerebral, fossem embora e parassem de produzir a infinita energia do conhecimento humano, a imaginação...

Que coisa!

Vocês dizem que as crianças não podem entender tal ficção científica?! Muito bem, terei de voltar à Terra e lembrar-me dos livros da minha própria infância. De qualquer maneira, foi isto que me veio à mente quando admirava a Ursa Maior¹, a constelação que nós, os eslovacos, chamamos de “A grande carroça”, já que meus livros mais preciosos chegaram em uma carroça... Quer dizer, não foram dados para mim primeiro, mas para minha mãe, durante a guerra.

Um dia, ela estava à beira de uma estrada quando apareceu uma carroça fazendo barulho – era uma carroça de feno, carregada de livros, puxada por vários cavalos. O carroceiro disse à minha mãe que estava levando os livros da biblioteca municipal para um lugar seguro para evitar que fossem destruídos.

Naquele tempo, minha mãe ainda era uma garota, ávida por leitura e, ao ver um mar de livros, seus olhos se acenderam como estrelas. Até aquele momento, ela só havia visto carroças carregadas de feno, palha ou até mesmo de esterco. Para ela, uma carroça cheia de livros era como alguma coisa saída de um conto de fadas. Ela, então, juntou coragem para perguntar:

— Por favor, o senhor não poderia me dar pelo menos um livro desta pilha enorme?

O homem sorriu, balançou a cabeça, pulou da carroça e foi abrindo um de seus lados dizendo:

— Você pode levar para casa tantos livros quantos forem deixados na estrada!

Os livros caíram, fazendo barulho, na estrada empoeirada e, num instante, aquela carroça estranha desapareceu numa curva. Com o coração batendo forte de alegria, minha mãe juntou todos os livros. Depois de limpar a poeira dos livros, ela descobriu que entre eles, por acaso, havia uma edição completa dos contos de Hans Christian Andersen. Nos cinco volumes, de várias cores, não havia uma só ilustração mas, milagrosamente, aqueles livros acenderam as noites que tanto amedrontavam minha mãe. Ela havia perdido sua própria mãe durante aquela guerra. Quando lia aqueles contos à noite, cada um deles dava a ela um pequeno raio de esperança e, com um quadro silencioso, pintado com os olhos quase fechados, em seu coração, adormecia calmamente, pelo menos durante algum tempo...

Os anos se passaram e aqueles livros chegaram a mim. Eu sempre os levo comigo ao longo das estradas empoeiradas da vida. Vocês vão perguntar:

De que poeira estou falando?

Ah!

Talvez eu estivesse pensando na poeira das estrelas que ficam em nossos olhos quando nos sentamos para ler numa cadeira em uma noite escura. Quer dizer, se estivermos lendo um livro. Na verdade, podemos ler todos os tipos de coisas: o rosto humano, as linhas da mão, as estrelas...

As estrelas são livros, no céu à noite, que iluminam a escuridão.

Sempre que me pergunto se vale a pena escrever um novo livro, olho para o céu e digo para mim mesmo que o universo não tem fronteiras e que deve ainda haver espaço para a minha pequena estrela.

¹ Formada por sete estrelas é a mais conhecida das constelações do Hemisfério Norte. Nela, os povos germânicos viam uma carroça puxada por três cavalos. No tempo das Descobertas, os cosmógrafos e marinheiros chamavam “Carro” à Ursa Maior. (Nota da tradutora)

Ján Uliciansky nasceu em 1955, em Bratislava. É escritor, teatrólogo e também diretor de teatro. Em 1981, escreveu seu primeiro livro para crianças com o conto de fadas *Adelka Zvončeková*. Com esse livro, Ján Uliciansky influenciou substancialmente o desenvolvimento dos contos de fadas na literatura infantil e juvenil eslovaca. Seus livros foram traduzidos para o tcheco, russo e línguas germânicas. Em 1998, o autor recebeu o mais importante prêmio eslovaco para literatura infantil – Triple Rose Prize – como reconhecimento à sua relevante contribuição ao gênero. Em 2004, foi indicado ao Prêmio Hans Christian Andersen.

Peter Cisárik nasceu em 1958, na República Tcheca. Tra-

balha como cenógrafo, pintor e também como professor. É graduado pela Academy of Performing Arts em Praga com especialização em cenário e marionetes. Começou seu trabalho como cenógrafo, no Teatro de Marionetes de Kosice. Atualmente é professor na School of Applied Arts em Kosice.

Em 1990, ganhou reputação como ilustrador com o livro *Isles of Snowmen* de Ján Uliciansky, quando demonstrou seu potencial como poeta de imagens. As raízes de sua poesia podem ser encontradas em sua prática como cenógrafo e em seu trabalho com marionetes. Recebeu o prestigioso prêmio L'udovit Fulla Award para ilustração de livros infantis em 1997 e, em 2004, foi indicado ao Prêmio Hans Christian Andersen.

Lectura 2005 apesar do Wilma

Mais uma vez realizou-se, na cidade de Havana, Cuba, o Congresso Lectura. A FNLIJ tem sido parceira desde a primeira edição do evento, somando esforços e aprendendo com a seção cubana do IBBY, em particular com sua presidente Emilia Gallego, responsável pelo Lectura e sua coordenadora.

Nos intervalos de dois anos que separam os congressos, nos alimentamos dos sonhos comuns, e também nos mobilizamos e nos emocionamos com a dedicação e o esforço da seção cubana. É sempre com ansiedade e alegria que aguardamos o próximo encontro.

A frustração de uma viagem interrompida, por força da natureza, durou muitos dias, tendo sido substituída pela alegria de saber que, apesar do furacão que castigou a ilha, o Congresso conseguiu acontecer. Ao invés das quase 200 pessoas inscritas e que estavam a caminho, estiveram presentes 90 pessoas, o que foi um verdadeiro sucesso, considerando o contexto.

Nilma Lacerda, que é membro da Cátedra Ibero-americana Mirta Aguirre, e que também participa como co-organizador do evento, desde o início, partiu antes e conseguiu chegar.

Em um próximo número do *Notícias*, ela irá contar como foi o Lectura 2005. Outras brasileiras que viajaram depois e que podiam ficar por mais tempo garantiram uma boa representação brasileira.

Infelizmente, eu e a escritora Marina Colasanti, convidada de honra do Congresso, não pudemos seguir viagem e tivemos que retornar de São Paulo.

Em sua coluna de domingo, no *Jornal do Brasil*, do dia 30 de outubro de 2005, Marina escreveu sobre a ida que não aconteceu e reproduzimos o seu relato aqui, para vocês. Também trazemos o texto de Marina para a abertura do Lectura, lido por Nilma Lacerda. Segundo relatos, embora ausente, as palavras de Marina estiveram também no Jornal de Havana. Por telefone, Emilia, sempre generosa, foi quem nos consolou e pediu para avisar à Marina que no próximo Lectura, em 2007, ela está sendo esperada também como convidada de honra.

Estaremos lá, sem dúvida, Emilia! E esperamos que vocês também não percam o próximo Lectura, em 2007!

Elizabeth Serra, Secretária-Geral da FNLIJ

Essa sempre improvável segurança

Marina Colasanti

Suponhamos que você esteja indo para o aeroporto, rumo a um compromisso de trabalho em outro país. Houve uma certa correria, porque na manhã da viagem perdeu um tempo precioso indo votar naquele que lhe pareceu um plebiscito estranho, cercado de interrogantes por todos os lados como uma ilha. Mas assim mesmo conseguiu organizar-se a tempo, a mala está pronta, o passaporte na mão. Seu rumo é justamente uma ilha, Cuba. E você vai, confiante.

Ah, que meiga invenção humana é a confiança, essa espécie de certeza de que tudo vai dar certo, quando são sempre tantas as possibilidades de dar errado.

O erro começou logo no caminho. Engarrafamento na altura do Fundão. Engarrafamento ali num fim de tarde de domingo?! Deve ser tiroteio, você disse, ainda sereno, para o motorista do táxi. E com espírito igualmente seráfico o profissional enveredou por dentro do Fundão, cortando caminho e evitando balas. Antes mesmo da hora prevista, o táxi parou no terminal, você sorriu, até aí tudo certo, com tiroteio já está acostumado.

Agora, por favor, desembarque do táxi, acompanhe através da crônica. Quem segue sou eu, com uma companheira de viagem. Vamos à primeira escala, São Paulo. Chegamos quase às onze, seguimos para um hotel, nos deitamos vestidas só para esticar o corpo porque às 3:30 da madrugada temos que estar outra vez no check-in. E ali estamos, ainda sorridentes apesar do sono.

Então, o funcionário nos informa que o trânsito aéreo em Cuba está suspenso por causa do Wilma. Fim do sorriso. Quando um furacão é despejado assim no colo da gente, deixa de ser apenas notícia, um furacão a mais, e se corporifica, se transforma em ameaça. A ordem aparentemente normal das coisas vira de ponta cabeça. Somos de novo seres humanos em constante risco frente à natureza. E inutilmente buscamos cer-

tezas, medidas, previsões que recolorem a mente pensante no comando da situação.

Teríamos outra escala no Panamá. Cogitamos ir para lá e seguir no dia seguinte para a Ilha. Mas um furacão não tem schedule, não anota seus compromissos em agenda eletrônica. Um furacão solta seus cabelos de vento e gira em roda sem data para parar. Nada garante que mude de rumo no dia seguinte. Nada garante que fique onde está. Um furacão é total ausência de garantias. “Não temos previsões”, repete o funcionário. Um furacão não anda sobre trilhos, não tem pontos de parada marcados, não é regular como as estações nem cresce com a determinação de uma planta. Um furacão é uma incógnita que chamamos flagelo.

Telefonamos para a organização do nosso congresso em Cuba. Nos dizem que chove, a luz foi cortada para evitar acidentes, e o mar está subindo. Até onde pode subir o mar atraído por um furacão? Uma ilha é mar por todos os lados. E perto da Ilha já o furacão Alpha se organiza e junta forças sob o codinome de tempestade tropical.

Uma pessoa passa por nós murmurando que é o fim do mundo, que Nostradamus, que a Bíblia. E em plena noite, encostadas ao carrinho com as bagagens, somos duas desabrigadas, duas vítimas evacuadas de nosso rumo e batidas por um vento invisível. O fim do mundo lança pelo ar seus capitães, enquanto a TV do aeroporto noticia a mortífera gripe das aves. Temos que desistir, regressar com malas que nem foram abertas. E, com a alma encharcada de desastre, vamos caminhando para o novo check-in.

Quando afinal chegarmos de volta ao Galeão saberemos que não há táxis disponíveis, é preciso esperar, o Rio foi inundado ao amanhecer.

Artigo publicado na coluna de Marina Colasanti no *Jornal do Brasil*, no Caderno B, Domingo, dia 30 de outubro de 2005.

Quando a diferença funda a identidade

Marina Colasanti



O título que dei a essa nossa conversa não deixa muito claro que o tema que me foi solicitado é “Os livros para crianças e jovens, e a identidade cultural”. Confesso que, toda vez que tenho que enfrentar esse tema - e tem acontecido com mais frequência ultimamente - começo em pleno desconforto, perguntando-me o que é isso, de fato. Temos falado tanto em identidade cultural, a expressão está tão encoberta de significados já prontos, cristalizados, que me chega como se viesse

vazia. Para reencontrar a vitalidade do seu sentido, preciso procurar fundo dentro de mim. O que encontro dentro de mim é intenso e claro, mas extremamente pessoal. E ao dizer “pessoal”, uma voz interna me adverte: todo pessoal é coletivo, porque no coletivo tem sua origem.

Minha identidade cultural, assim como a de um número crescente de pessoas no mundo inteiro, não é algo que se possa prender num mapa com um alfinete, como se espeta uma borboleta sobre o veludo. Nasci na África, mas a África que guardo em mim é uma África colonial que já não existe, um país que mudou de nome três vezes, um punhado de fotos na gaveta. Ainda assim sou africana, única da minha família, e isso marcou de diversidade toda a minha vida.

Cresci na Itália como italiana, mas sem ter uma cidade que fosse minha, pois morei em muitas. Aos dez anos fui viver no Brasil, e lá construí a segunda parte da minha vida. Hoje sou, para todos os efeitos, uma escritora brasileira. E, se é verdade que língua é pátria, como disse Fernando Pessoa, eu tenho duas.

Qual o resultado disso na minha identidade cultural? A multiplicidade: um paladar italiano, um dançar brasileiro, trigais e palmeiras, a selva e o deserto. E a sensação, dominante, de que minha identidade cultural não é um bloco que me tenha sido dado por um país, por uma família, por uma ideologia, por uma escola ou por uma moral. É fruto de um conjunto de fatores que construíram meu olhar cultural sobre o mundo, e que me foram dados pela vida.

Não sou eu, porém, a razão de ser dessa conversa. E se me coloquei assim na frente é apenas porque sou uma entre muitos. E é por esses muitos que nos debruçamos uma vez mais sobre o tema.

O mundo está cheio de crianças migrantes. Não é uma novidade, sempre foi assim. A humanidade começou a migrar tão logo surgiu, levando suas crianças às costas ou no ventre. Somos uma espécie quase nômade, mesmo quando não vivemos em tendas. Migramos levados pela fome, pela perseguição, pelo desejo de crescer, pela curiosidade. Mas se o deslocamento não é um fenômeno novo, novas são as estruturas em que se realiza.

Se pensamos nos grandes movimentos migratórios que povoaram - ou melhor dito, repovoaram - as Américas, destacam-se a massa escrava trazida da África, e as levas de europeus (no Brasil, também japoneses) do séc. XIX.

Eram carregamentos humanos importados oficialmente, gente que vinha com lugar marcado, e contrato assinado - fosse de compra ou de trabalho - atando-os a esse lugar. Vinham para viver em senzalas ou em guetos migratórios, e sua assimilação não inquietava ninguém, nem era especialmente desejada. Se daria automaticamente, através do tempo, do trabalho, do sacrifício. Não havia pressa. Nem motivo de preocupação.

Felizmente, isso mudou. Mas não nos façamos ilusões românticas, a preocupação que hoje nos tem aqui reunidos não se origina em uma nova etapa cultural alimentada por sentimentos humanitários. Os seres humanos continuam tão cruéis e egoístas quanto sempre foram. A preocupação mundial com a identidade cultural se deve à insegurança dentro das frágeis fronteiras - eu poderia dizer “medo” mas me abstenho - e às leis de mercado.

As últimas décadas viram aumentar enormemente os deslocamentos humanos, e sobre esse novo nomadismo debruçam-se cientistas sociais do mundo inteiro. Mas ninguém mais sai do seu país para ficar de lugar marcado na terra dos outros, nem hipoteca seu presente em nome de um futuro distante. Os novos nômades têm pressa de vencer, e chegam buscando seus direitos. Quando os africanos encheram nossas senzalas, ninguém parou para pensar nos seus problemas de identidade cultural e muito menos nos da sua descendência.

Hoje, quando as ruas da Europa estão cheias de africanos emigrados legal e ilegalmente, tornou-se necessário conhecer - ou organizar - a identidade dos seus filhos. Os filhos dos escravos não iam à escola com os filhos dos donos da terra, mas os filhos dos africanos na Europa vão à escola com os filhos dos empregadores dos seus pais, e ainda, com os orientais, com os árabes, com os latino-americanos. Esse mix requer atenção.

E não são só as crianças migrantes que nos preocupam. Enquanto uma parte abandona fisicamente sua terra natal, outra parte ainda maior é expatriada culturalmente sem sequer sair do seu país. São as crianças submetidas à invasão cultural das sociedades dominantes, que penetram em suas casas através da televisão, que se escondem debaixo das suas camas nas revistas em quadrinhos, que as assaltam dos out-doors quando vão à escola, que as esperam empoleiradas nas prateleiras dos supermercados, que marcam suas roupas e ditam suas escolhas.

Isso também não é novidade, o mundo sempre teve culturas dominantes, o mais forte sempre impôs aos mais fracos sua língua, sua arte e seus produtos. Novidade alarmante é a proporção que isso adquiriu.

Chorei muito quando li *Os meninos da rua Paulo*, chorei todas as vezes que o reli. A única coisa que eu sabia da Hungria, onde o romance se passa, era que tinha como capital Budapeste, uma cidade que eu não conhecia. Mas nada me fez falta na leitura. Agora acabei de recebê-lo em minha casa, reeditado para as crian-

ças brasileiras desse outro século, que da Hungria sabem ainda menos do que eu soube. Não tenho nenhuma dúvida de que vão chorar. Que tão complexa é a questão dos livros para crianças, e que labiríntica se torna quando lhe agregamos o problema da identidade cultural.

Vamos tentar pegar a ponta dessa meada pelo princípio. Olhe-
mos *Panchatantra*, que é onde, segundo Max Müller, a nossa literatura tem uma das suas mais fortes raízes. O começo, então, se localiza na Índia, no século I da nossa era, naquelas histórias que, escritas em sânscrito, viriam a formar 5 livros de sabedoria. São cerca de 70 contos, inscritos em uma moldura narrativa, nos quais os animais falam e interagem com os humanos.

Ali, tudo ocorre sob o signo da diferença. Na verdade, uma dupla diferença: entre os dois debatedores - humanos e animais - e entre imaginário e realidade, pois os animais falam e conseguem exprimir aquela inteligência que os humanos sempre lhes negaram.

Quando, sete séculos mais tarde, e já tendo tido uma outra versão indiana, o *Panchatantra* dá origem à versão árabe “Calila e Dimna”, o destino da literatura ocidental se faz ao largo.

De Bagdá à Europa, os contos são imediatamente traduzidos. Os animais que falavam árabe ganham fala espanhola, italiana, provençal, alemã, e juntamente com os humanos com quem dialogam, vão adquirindo características desse ou daquele país, adaptando-se, fundindo-se ao folclore já existente, assimilando a tradição greco-romana, e dando origem ao riquíssimo folclore europeu, que mais tarde migraria para as Américas, enfrentando nova fusão com as ricas tradições locais.

Amplia-se a dinâmica inicial das diferenças.

É essa mesma dinâmica que vamos colher bem adiante, na obra dos Grimm, registro da antiga voz do povo alemão. Tomemos um conto muito conhecido, “Ferdinando Fiel e Ferdinando Infiel”. Temos um único nome para duas personagens diametralmente opostas, como se um fosse a inversão do outro, ou como se os dois fossem o desdobramento de um só. Todo o conto vai ser conduzido por essa oposição, com um Ferdinando fazendo de tudo para destruir o outro não preciso dizer qual. Ferdinando Fiel é bom, mas não é muito esperto, em compensação salva um peixe e encontra um cavalo que não apenas falam, como resolvem todos os problemas dele, e ainda lhe ensinam como dominar dois gigantes e algumas grandíssimas aves. Ferdinando Infiel é mau, e além de esperto tem a capacidade de ler tudo o que se passa na cabeça alheia, o que, de forma figurada, significa sua presença dentro da cabeça de cada um, como participante do seu pensamento, presença constante do mal. O conto chega ao fim com o Fiel vitorioso na disputa, cavalgando contente seu cavalo branco, enquanto do destino do Infiel nada nos é dito.

Temos outro elemento de diferença atuando neste conto, a eterna diferença entre pobres e ricos, que o folclore resolve, simbolicamente, através do amor. Ferdinando Fiel é pobre, tão pobre que os pais, não encontrando ninguém que queira ser seu padrinho, o dão como afilhado a um coitado qualquer de uma aldeia vizinha. Ainda assim, termina casando com uma rainha, que por amor a ele decapita o rei seu marido.

No conto “Hans meu porco-espinho”, também dos Grimm, a relação entre homens e animais e a dialética da convivência entre diferentes é exposta de maneira ainda mais flagrante. Um ho-

mem, infeliz por não conseguir filhos, lamenta-se e exclama que qualquer filho serviria, “Hei de ter um filho! Nem que seja um porco-espinho”. E logo, a esposa dá à luz uma criatura, menino da cintura para baixo e porco-espinho da cintura para cima, que é batizada Hans Meu Porco-espinho. Praticamente ignorado pelos pais, criado atrás do fogão, irá viver por sua conta na floresta, cavalgando um galo e tocando em sua gaita de foles músicas maravilhosas. Não há nele nenhum conflito por sua condição, homem e animal convivem harmoniosamente em uma só pessoa, utilizando as recíprocas diferenças: o porco espinho usa a voz humana e toca a música que acabará fazendo dele um príncipe, o homem se aproveita dos espinhos do animal para castigar uma princesa falsa e mentirosa. E uma diferenciação mais se manifesta: quando, para tornar-se só humano, Hans abandona e manda queimar sua pele de porco-espinho, emerge completamente negro, como se queimado ele também. Para poder casar enfim com a princesa boa, terá que ser lavado com ervas, até ficar pálido como ela.

Um leão é o sagaz conselheiro de um rei no conto “Os Onze Caçadores”, um linguado retribui a generosidade de um pescador atendendo os desejos de riqueza da sua mulher em “O pescador e sua mulher”, uma raposa resolve todos os problemas do filho mais moço do rei em “O pássaro dourado”, e todos conhecem aquele lobo tão esperto que se disfarça de avó, se mete na cama, e até imita a voz da pobre velhinha já devorada. Percorrendo os 200 contos recolhidos pelos Grimm, a lista seria longa demais.

Mas, é claro, a origem dessas histórias é muito anterior à invenção da criança como ser humano diferenciado. Está mergulhada em um tempo em que o ato de contar não visava um alvo específico, mas destinava-se a qualquer ouvinte disponível e obedecia apenas à necessidade humana de fabular. Um pouco como ainda hoje se contam histórias na praça Jeema El Fna, em Marrakesh.

Muitas coisas haveriam de mudar, até chegar aos Grimm. Não preciso aqui, entre profissionais, percorrer a história da literatura infantil, falar no século XVII, lembrar Rousseau. Nos baste dizer que, a partir de um certo ponto, as crianças deixaram de ser consideradas apenas ouvintes disponíveis. E os novos enfoques exigiriam, dali para a frente, que um material narrativo específico passasse a ser produzido para elas, assim como que se adaptasse às suas necessidade o material preexistente. Ainda assim, mantinham-se a coexistência e o enfrentamento entre diferentes.

Andersen foi um mestre dessa dualidade. Curiosamente, retoma a duplicidade dos ferdinandos do folclore alemão em um conto intitulado “Pequeno Claus e grande Claus”. Ali também, um é o oposto do outro, um pobre, outro rico, um bom, o outro mau, mas o Pequeno é muito esperto, enquanto o Grande é equivalentemente bobo, e será o Pequeno que, com sua astúcia, acabará levando o Grande à perda de todos os seus bens e à morte.

Nos mais de cem contos de Andersen, inúmeras personagens se estendem as mãos por cima da diversidade: uma sereia se enamora de um príncipe, o patinho mais feio da ninhada revela-se um cisne, o soldadinho de chumbo se apaixona por uma boneca, uma mulher planta um grão de cevada de cuja flor sai um menina pequena pequena, que será almejada como esposa por um sapo, será seqüestrada por um besouro, será acolhida por uma rata, pedida em casamento por uma toupeira e salva por uma andorinha, até encontrar um semelhante, príncipe pequeno pequeno que a pede e a obtém em casamento.

Wilde põe um gigante em um jardim onde brincam crianças, e tece uma aliança entre uma andorinha e a estátua de um príncipe. Carrol faz com que uma menina bem educada converse com uma lagarta, tome chá com uma lebre e um caxinguelê, jogue croquê com flamingos a pedido de uma rainha e de uma corte de cartas de baralho.

Barrie escolhe como companheiros de seu menino voador, na Ilha do Nunca, sereias, uma fada minúscula e sensual, índios peles vermelhas, um pirata e um crocodilo.

E Collodi extrai de um toco de madeira uma voz que logo será uma marionete, cujas aventuras irão incluir um grilo sábio e falante, uma raposa e um gato trapaceiros, uma gigantesca serpente, um tubarão voraz, uma fada que para caracterizar sua unicidade tem cabelos azuis. E a própria marionete deverá se transformar primeiro em burrinho, para depois tornar-se, finalmente, um menino.

Essa linguagem de multiplicidade, que enfatizava simbolicamente o encontro e a convivência com o outro, parecia perfeitamente apropriada para crianças.

E então entramos em uma era de realismo e objetividade, em que o lado didático da literatura infantil pareceu agigantar-se. E às águas dessa corrente já caudalosa, vieram juntar-se os inúmeros afluentes originados pela psicanálise. O mercado de livros para crianças encheu-se de histórias contadas apenas para, supostamente, ajudar o jovem leitor a superar as etapas, ou os traumas, do seu crescimento. Tudo haveria de ser resolvido através da identificação. O discurso simbólico foi substituído pelo discurso realista, a linha reta tomou o lugar da espiral, o diferente foi substituído pelo semelhante.

Assim, tivemos infinitos livros contando a história do menino cuja avó foi para o céu, da menina cujos pais se separaram, do filho único que vê chegar um irmãozinho, da nova namorada do pai, do novo namorado da mãe, da tragédia de ter espinhas, da primeira menstruação, do primeiro amor, da primeira desilusão. Livros que o mercado recebia de braços abertos, que as editoras solicitavam, e que professores e psicólogos recebiam sorrindo em êxtase. Fáceis de fazer, fáceis de trabalhar, fáceis de ler, o que mais se poderia desejar? Mais que livros, eram espelhos. E planos.

Mas a criança, que ainda está estruturando seu eu, não se vive como um semelhante. Se vive como um diferente.

Ela é diferente em relação aos adultos, que constituem a grandíssima maioria do seu entorno - sobretudo depois das políticas de decréscimo populacional e conseqüente diminuição das famílias -, adultos que fazem questão de enfatizar essa diferença, colocando constantemente a criança "no seu devido lugar". São clássicas as frases "você é muito pequeno para fazer isso" "você ainda não pode entender" "isso não é para crianças" hora de criança ir para a cama" "só quando você crescer".

E é diferente em relação às outras crianças. Em parte porque nesse período da vida, cada idade estabelece uma diferenciação, na graduação de valores em que os mais velhos são sempre superiores aos mais moços. Em parte porque cada criança traz ainda, como formadora da sua identidade, toda a família; e o núcleo familiar de uma é sempre complexo, quase misterioso para a outra, sempre vivido como diferente do seu.

E diferente até em relação a si mesma, pois tudo nela muda tão constantemente - o tamanho, as possibilidades, os desejos - que

muitas vezes, como Alice em sua travessia, a criança sente dificuldade em se reconhecer.

Toda criança é um patinho que com frequência se sente mais feio que os outros, mais fraco que os outros, rejeitado pelos outros, e que planeja, como vingança e redenção, tornar-se no futuro o mais maravilhoso dos cisnes. Não à toa, o conto de Andersen mantém inalterado sucesso ao longo dos anos.

Nesse período de insegurança e indefinição, a criança é para si mesma um espelho demasiado pobre. Será através do outro, mais do que através do seu próprio reflexo, daquele outro que ela quer plagiar ou de quem vê os defeitos, que ela fará suas avaliações, num jogo de comparações estruturante.

Se é na diversidade que se funda a identidade, porque acreditar em um processo diferente para a identidade cultural? Ou não é a identidade cultural parte compositiva, fundamental e indissolúvel, da identidade em si? Cada um de nós pode dizer: sem minha identidade cultural eu não sou eu, sem minha identidade cultural eu não sou ninguém.

Quando, em 1880, Collodi publica o primeiro livro da trilogia "Viaggio di Giannettino per l'Italia" (viagem de Giannettino pela Itália), a Itália havia acabado há pouco seu processo de unificação e apostava em livros de leitura, paradidáticos, capazes de interpretar os princípios que a nova estrutura pedagógica desejava promover. Tratava-se de apresentar às crianças seu novo país, e de ensinar-lhes os códigos sociais e privados que viriam a fazer delas seus cidadãos ideais. Ao longo de três livros, Giannettino, um menino entre os dez e os doze anos, vai viajar respectivamente através da Itália do Norte, Central, e do Sul, mostrando, em detalhes, as características de cada região, os usos e costumes, a geografia. A série obteve um êxito estrondoso, enriquecendo seu autor e, não fosse o vício do jogo, é provável que Collodi jamais viesse a aceitar a encomenda de um folhetim infantil que haveria de se chamar "Pinóquio, as aventuras de uma marionete".

Se eu, aqui, nesse universo de especialistas em literatura infantil, pedisse que quem leu qualquer dos três livros de Giannettino levante a mão, quantas se levantariam? Se tanto, a de algum especialista italiano. Quanto aos demais, é provável e muito justo que sequer tenham jamais sabido da sua existência. No entanto, todos conhecem Pinóquio. A série de Giannettino tinha, debaixo de uma embalagem narrativa muito bem escrita e cheia do humor característico de Collodi, a clara finalidade de fortalecer, ou mais propriamente, criar uma identidade cultural nova para as crianças. Mas podemos crer que as crianças, ao chegarem à idade de Giannettino, com quem deveriam se identificar, já tivessem uma identidade cultural firmemente introjetada. E ela não era menor, apenas pela inexistência de uma Itália unificada.

A identidade cultural das crianças estava ancorada na sua região, ou no seu estado, com ramificações que se estendiam pelo mundo circundante. E assim continuaram os novos italianinhos mesmo depois de ler Giannettino, cada qual com seus hábitos e costumes regionais, cada qual para sempre ligado ao silvar dos pinheiros no vento ou aos picos nevados ou ao cheiro da maresia, cada qual com suas músicas e suas danças, com seus sabores maternos no paladar, e mesmo, por muitos e muitos anos, com seu dialeto primeiro sobre a língua. Com a diferença que boa parte do mundo circundante agora chamava-se Itália, e igualmente lhes pertencia.

A longo prazo, é certo que Pinóquio, cuja intenção nunca foi

didática, fez muito mais pela identidade cultural italiana, do que os três livros de Giannettino.

E aqui chegamos à dramática encruzilhada da literatura infantil: livros para crianças ou literatura? Ou, mais claramente: pedagogia ou arte? Há muitos anos nos debatemos em patético cabo de guerra sobre esse campo minado, editores, críticos e autores, puxando cada um do seu lado. Só quem sorri tranquilo é o mercado, alheio à discussão; o que ele quer é vender. E sabe que, em matéria de vendas, pedagogia é um golpe certo graças à escola, que só está interessada em ensinar, graças aos pais, cuja consciência se tranqüiliza por estar comprando coisa útil ao invés de sonhos. E graças, em muitos países, aos governos, que preferem comprar mensagens a comprar símbolos, porque as mensagens são mais claras de entender e de controlar, enquanto os símbolos são cheios de fundos falsos e portas secretas por onde o não dizível pode ser dito.

O universo da literatura adulta, também tem composição heterogênea: livros que não têm qualquer valor artístico, livros que pretendem ensinar a viver a famigerada auto-ajuda -, livros que só pretendem distrair, e obras verdadeiramente literárias. Mas os escaninhos têm rótulos claros, e os eventuais enfrentamentos não se assemelham, nem de longe, aos que ocorrem com o material destinado às crianças e aos jovens.

Podemos, então, atribuir o vento áspero que sopra em nossa encruzilhada a dois fatores. Um: a criança não escolhe seus próprios livros. Dois: o irresistível impulso dos adultos de usar o prazer da leitura como cavalo de Tróia em cujo ventre se escondem os ensinamentos capazes de moldar as pequenas cabeças sem que nunca se reconheça a manipulação que ali se mistura, e se disfarça, com o afeto.

Eu sou autora, - como autora fui aqui chamada a me manifestar e sempre puxei meu modesto pedaço de corda pelo lado da literatura. Literatura é arte, e só não confia na sua capacidade de ensinar - refiro-me ao conceito mais profundo do que seja ensino - quem não acredita na arte como elemento formador por excelência. Literatura é discurso simbólico, e os símbolos são a forma de comunicação mais condensada entre todas, pois o conteúdo de um único símbolo pode abrir-se em ondas concêntricas até alcançar distâncias inimagináveis, e dizer muito mais a um leitor do que páginas e páginas didaticamente concebidas.

Impossível, para mim, aceitar a afirmação do filósofo italiano Benedetto Croce: “O sol esplêndido da arte não pode ser suportado pelos olhos ainda débeis da criança e do adolescente. De qualquer modo, se as crianças podem desfrutar de uma obra de arte pura, esta não terá sido criada para ela, mas para todo o mundo, e por isso não pertencerá à literatura para crianças”.

Não há nenhuma debilidade nos olhos da criança e do adolescente, a debilidade está no olhar que os adultos deitam sobre eles. Pois se as crianças e os jovens podem olhar a natureza, com sua estarrecedora beleza, por que não suportariam a beleza da arte? Ambas, natureza e arte, nos conduzem a um diálogo interior, a um aflorar daquilo que, em nós, se volta para o divino. Como crer que as crianças, tão próximas ainda dessa essência, não podem se aproximar dela? Se por vezes lhes faltam palavras, certamente não lhes faltam sensibilidade e capacidade de apreensão. E sabemos que as palavras são apenas um artifício para nos ajudar na captação do mundo.

É verdade, porém, que as emoções provocadas pela arte são incontroláveis. E, talvez por isso, pareça mais tranqüilizador a certos adultos manter as crianças afastadas dela.

No que tange diretamente o universo literário, aceitar que uma obra de arte não possa ou não deva ser criada para crianças equivale a erradicar toda a literatura infantil do âmbito da literatura, e a relegá-la a um plano secundário, que pouca atenção merece. É isso, aliás, que vem sendo feito pela nossa cultura desde o início daquilo que, para o bem ou para o mal, chamamos literatura infantil. E é disso que se queixam todos os que nela trabalham, inclusive aqueles que puxam a corda pelo lado do didatismo.

Quando falamos de livros e identidade cultural, de que livros estamos falando? Na nossa conversa, consideraríamos a leitura de *Os meninos da rua Paulo* por uma criança brasileira deste século, como auxiliar na construção da sua identidade cultural?

Volto à minha condição de autora. No livro de contos *23 histórias de um viajante*, que acabei de publicar, um jovem príncipe vive voluntariamente enclausurado em seu próprio reino. O medo da morte, gerado pelo cadáver do pai abatido em batalha, pelas feridas dos tios vitimados em duelos, cravou-se em seu coração. E ao assumir a coroa, mandou erguer altíssimas muralhas ao redor de suas terras. Diante dessas muralhas, detêm-se um viajante. Nada deseja, além de atravessar. Mas ao conceder-lhe passagem, o príncipe abre, involuntariamente, caminho para receber o mundo. Pois já na primeira noite à mesa do banquete, e nos dias seguintes durante a travessia do reino, que empreenderão juntos, o viajante contará sucessivas histórias ao jovem monarca, deitando diante dos seus olhos aquelas emoções e aquela vida da qual, até então, ele havia se recusado a participar. Ao fim da viagem, a muralha parece ter perdido sua significação, e o príncipe manda que se abram os grandes portões para que ele conheça o mundo que, agora, já o habita.

O mundo é muito grande. E na realidade, assim como no conto, o mundo nos chega através do outro. É o outro, com sua diversidade, que nos permite estabelecer comparações e avaliar mais plenamente nossa própria identidade.

Toda criança entende melhor o conceito de casa depois de ver um iglu ou uma oca (a grande casa circular que abriga os índios brasileiros). E entendendo melhor o conceito de casa, poderá compreender melhor a própria casa em que vive.

Hoje, ainda mais do que ontem, a questão da identidade cultural se articula ao redor do outro. Porque, hoje mais do que ontem, o outro está presente. E por outro lado, hoje mais do que ontem, a pressão cultural do outro se faz ameaçadora, e sentimos necessidade de reforçar nossa própria identidade.

A que livros recorrer para isso?

Do meu lado da corda, eu digo com absoluta convicção: aos livros de literatura. Se acreditamos que os poetas são a voz do seu povo, a expressão máxima da sua cultura, como não acreditar que através dessa voz o jovem leitor constrói a sustentação da sua identidade cultural?

Para os adolescentes, há fartura de material, porque um adolescente hoje é um jovem adulto, e de cada grande poeta nacional muito se pode selecionar para eles. Mas também para as crianças, quantos poemas, quantos pequenos poemas perfeitamente compreensíveis um poeta produz ao longo de sua trajetória, sem que esteja exatamente pensando no público infantil. A boa poesia é as-

sim, sempre haverá nela muito que se pode retirar para qualquer público. E não nos deixemos enganar, aquilo que às vezes não se compreende com a razão, se intui com a emoção, e é através da emoção que a poesia melhor viaja. Mas é claro que não preciso falar disso aqui em Cuba, onde qualquer criança aprende a ser cubana através dos versos de José Martí. E porque não olhar a prosa com os mesmos olhos com que olhamos a poesia?

Os três mosqueteiros, de Alexandre Dumas, é até hoje vendidíssimo, li recentemente que é o segundo romance mais vendido da França. Trata-se de uma leitura perfeita para jovens, com aquele jovem d'Artagnan emblemático que, como tantos jovens do mundo todo, deixa a sua cidadezinha natal e parte rumo à cidade grande para realizar seus sonhos. Aquele d'Artagnan que em Paris encontra três novos companheiros e com eles sela a aliança que irá fortalecê-los frente aos perigos que os esperam. "Um por todos, todos por um" é o lema dessa jovem turma. E o espírito não difere muito daquele que anima os meninos da rua Paulo, na defesa do terreno baldio.

Falei de clássicos porque são livros que todos conhecemos e sobre os quais fica mais fácil tecer uma conversa em comum. Mas a literatura, a literatura infantil de cada um dos nossos países tem autores bons, excelentes autores que serão os clássicos de amanhã, em cujos livros há fartura de elementos para consolidar a identidade cultural das nossas crianças. Eu disse consolidar. Não disse construir. Tenho muito medo de livros cuja intenção é construir nas cabeças infantis, seja lá o que for.

Em junho deste ano, estive em Nova Iorque, para o lançamento de um livro meu e para participar do Simpósio de Literatura Infantil e Juvenil organizado pelo Instituto Cervantes daquela cidade. E juntamente com outras duas autoras de língua hispânica, Vivian Manzur do México e a espanhola Isabel Campoy radicada na Califórnia, fui visitar duas escolas públicas, ambas localizadas em bairros com alta concentração de emigrantes hispanos.

Nas duas escolas nos deparamos com um esforço real para a manutenção não só da identidade cultural, como da língua. Em uma delas fomos recebidas com um espetáculo de dança que havia sido organizado para uma festa anterior, por um grupo de meninos e meninas mexicanos, outro grupo da República Dominicana, e um terceiro de emigrantes vindos da África. Cada grupo se exibiu, com visível orgulho, em danças do seu país, com seus trajes típicos. Pessoas de suas famílias estavam presentes. Na outra escola, vimos como funciona o programa de Ensino em Dupla Linguagem, com duas salas acopladas, uma onde só se fala espanhol e onde todo o material didático ou produzido pelos alunos é em espanhol e referente a culturas latino-americanas, e a outra onde tudo é em inglês. As crianças avançam normalmente no currículo escolar, mas trocando de sala e de língua a cada dia.

E nessa estadia, vi muitos livros, de diferentes editoras, voltados para a questão da identidade cultural. Para minha grande tristeza, eram praticamente todos do agrado de quem puxa a outra ponta da corda. Continham mensagens tão evidentes que, deles, nenhum outro sentido poderia ser extraído. Nenhuma imaginação, nenhuma centelha, nenhuma surpresa os percorria. Não eram verdadeiramente livros de leitura, eram estradinhas estreitas, a serem percorridas numa única direção, sem paisagens

laterais, sem interferências, sem possibilidade de escolha ou de fuga, sem escapatória para o pequeno leitor. E, para alegria de quem os havia concebido, todos conduziam ao altar do orgulho pátrio.

Ninguém é naif. Estamos todos conscientes dos fortes interesses econômicos e das razões sociais que animam a atual discussão ao redor da identidade cultural. Falamos disso no início dessa nossa conversa. Mas considero que nenhum interesse, nenhuma razão social justifica o despejo de semelhante material didático/ideológico em cima das crianças, que, sabemos bem, não têm como se defender.

E permitam-se encerrar como autora que sou, lendo um conto que talvez diga mais sobre identidade do que tudo o que acabo de dizer.

Como se fosse

De nada adiantou a couraça contra o fio da espada. O sangue jorrou entre as frestas metálicas e o jovem rei morreu no campo de batalha. Tão jovem, que não deixava descendente adulto para ocupar o trono. Apenas, da sua linhagem, um filho menino.

Antes mesmo que a tumba fosse fechada, já os seus fiéis capitães se reuniam. A escolha de um novo rei não pode esperar. E determinaram que o menino haveria de reinar, a coroa lhe cabia de direito. Que comesassem os preparativos para colocá-la sobre sua cabeça.

Aprontavam-se as festas da coroação, enquanto os capitães instruíam o menino quanto ao seu futuro. Mas porque o rei seu pai havia sido muito amado pelo povo e temido pelos inimigos, e porque o rosto do menino era tão docemente infantil, uma decisão sem precedentes foi tomada.

No dia da grande festa, antes que a coroa fosse pousada sobre os cachos do novo rei, a rainha sua mãe avançou e, diante de toda a corte, prendeu sobre seu rosto uma máscara com a efígie do pai. Assim ele haveria de ser coroado, assim ele haveria de governar. E os sinos tocaram em todo o reino.

Muitos anos se passaram, muitas batalhas. O menino rei não era mais um menino. Era um homem. Acima da máscara seus cabelos começavam a branquear.

Seu reino também havia crescido. As fronteiras extensas exigiam constante defesa. E na batalha em que defendia a fronteira do Norte, açoitado pelos inimigos, o rei foi abatido no fundo de uma ravina, sem que de nada lhe valesse a couraça. Antes que fechasse os olhos, acercaram-se dele seus capitães. Retiraram o elmo.

O sangue escorria da cabeça. O rei ofegava, parecia murmurar algo. Com um punhal cortaram as tiras de couro que prendiam a máscara. Soltou-se pela primeira vez aquele rosto pintado ao qual todos se haviam acostumado como se fosse carne e pele. Mas o rosto que surgiu por baixo dele não era um rosto de homem. A boca de criança movia-se ainda sobre mudas palavras, os olhos do rei faziam-se baços num rosto de menino.

Este é o texto da palestra de Marina Colasanti, escrito especialmente para a abertura do *Lectura 2005*, que foi lido por Nilma Lacerda, durante o evento.

Concursos FNLIJ 2005: conheça os vencedores

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, entre suas diversas atividades voltadas para a promoção dos livros de literatura para crianças e jovens e incentivo à leitura, realiza anualmente os concursos FNLIJ. Em 2005 o júri, formado por especialistas da equipe da FNLIJ, selecionou os vencedores, que foram anunciados em duas cerimônias realizadas durante o 7º Salão FNLIJ do Livro. Estiveram presentes os vencedores do 4º Concurso FNLIJ *Leia Comigo* e do 10º Concurso FNLIJ *Melhores Programas de Incentivo à Leitura*.

10º Concurso FNLIJ Melhores Programas de Incentivo à Leitura a Crianças e Jovens de todo o Brasil - PETROBRAS

O 10º Concurso FNLIJ Melhores Programas de Incentivo à Leitura a Crianças e Jovens de todo o Brasil foi realizado, pela primeira vez com o apoio da Petrobras. O Concurso recebeu 68 projetos, com participantes de todas as cinco regiões brasileiras:

Sudeste: 50 (01 do Espírito Santo, 07 de Minas Gerais, 15 do Rio de Janeiro e 27 de São Paulo); • **Sul:** 08 (06 do Rio G. do Sul e 02 de Santa Catarina); • **Norte:** 04 (01 do Pará, 01 de Roraima e 02 de Tocantins); • **Centro-Oeste:** 03 (01 do Dist. Federal e 02 de Goiás) • **Nordeste:** 03 (01 do Piauí, 01 do Rio G. do Norte e 01 de Sergipe).

Estes programas de leitura são desenvolvidos por iniciativas públicas e privadas, em cidades, comunidades, estados, feiras, escolas, bibliotecas, editoras, etc.

O júri foi composto pelas especialistas em leitura e literatura infantil e juvenil da FNLIJ: Beatriz de Almeida Serra, Cynthia Rodrigues, Elda Nogueira, Elizabeth D'Angelo Serra, Laura Sandroni, Maraney Freire Costa, Marisa Borba e Ninfa Parreiras. Os membros do júri se reuniram em dois diferentes momentos para selecionar os premiados. Esses são os vencedores:

1º lugar: Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, MG, um programa da Prefeitura da capital mineira, que é desenvolvido sistematicamente, há 9 anos, nas bibliotecas escolares da rede municipal. O programa partiu de uma pesquisa que retratou a difícil realidade das bibliotecas escolares em nosso país. Constatando a dimensão e a complexidade do problema, as responsáveis estruturaram um planejamento de formação e de compra de livros que ano a ano vem conquistando espaço. Entre as inúmeras conquistas destaca-se a abertura de concurso para bibliotecários para as bibliotecas escolares. As responsáveis fazem questão de registrar que, embora tenham conseguido avançar, ainda há muito para fazer, o que demonstra uma visão realista do problema: é preciso caminhar com cautela e determinação em direção ao objetivo traçado e sem cantar vitórias enganosas. Está de parabéns a Secretaria de Educação de Belo Horizonte pela determinação em criar e fortalecer uma das mais frágeis situações do nosso sistema escolar: o sistema de bibliotecas escolares, como principal alicerce para uma educação democrática e de qualidade. A bibliotecária responsável é Maria Célia Pessoa.

2º lugar: Pra que ensinar Literatura pra quem carrega saco nas costas?, da Secretaria de Estado da Educação, de São Paulo – Coordenadoria de Ensino do Interior – Diretoria de Ensino de Votorantim – E. E. Prof. Carlos Augusto de Camargo, em Piedade, SP. É uma iniciativa da professora de Português Sonia Aparecida Ijano, que trabalha, há alguns anos, obras clássicas universais com os alunos, que são operários e provenientes de áreas rurais. A partir da pergunta de um aluno, que se transformou no título do programa, a professora foi buscar fundamentos teóricos para levar a literatura a esses jovens, tendo obtido enorme sucesso, demonstrando assim que o acesso aos textos literários deve, cada vez mais, ser democratizado, como um direito de qualquer cidadão.

3º lugar: O Mundo da Leitura, do Centro de Referência de Literatura e Multimeios, de Passo Fundo, RS. O Centro de Referência

fica na Universidade de Passo Fundo e investe na formação de leitores, preparando os alunos das escolas para a leitura de obras selecionadas e o encontro dos alunos com os autores das obras lidas. Um dos momentos importantes desse trabalho resulta na participação entusiasmada das crianças na Jornadinha de Passo Fundo, que acontece durante a tradicional Jornada de Passo Fundo. Tudo sobre a regência apaixonada da professora Tânia Rösing.

Como **Menções Honrosas**, dois programas foram selecionados:

Ler é da Hora, da E. E. Profª. Ephigênia Cardoso Machado Fortunato, de Bariri, SP;

Primeiras Leituras, da Escola Americana do Rio de Janeiro, RJ.

A primeira Menção Honrosa é desenvolvida dentro de uma escola pública, com poucos recursos e o envolvimento das famílias e da comunidade. Já a segunda Menção Honrosa mostra o trabalho dentro de uma escola com recursos próprios: mobiliário, livros, profissionais preparados e acervos atualizados.

O Concurso FNLIJ Melhores Programas de Incentivo à Leitura a Crianças e Jovens de todo o Brasil, criado em 1994, chega à sua 10ª edição mostrando a força dos projetos voltados para a valorização da leitura literária entre crianças e jovens brasileiros. Ao longo desses 10 anos, o concurso selecionou, premiou e divulgou programas diversos que privilegiavam a formação de um acervo de livros de literatura para crianças e jovens, investindo sistematicamente na promoção da leitura literária.

Ao instituir este concurso, a FNLIJ visava valorizar o empenho de pessoas e entidades engajadas em iniciativas de promoção de leitura, divulgando suas ações e facilitando a troca de informação e de conhecimento entre os que se dedicam a essa área. O Concurso FNLIJ Melhores Programas de Incentivo à Leitura a Crianças e Jovens de todo o Brasil foi inspirado no concurso internacional “IBBY – Asahi Reading Promotion Award”, uma parceria entre o International Board on Books for Young People – IBBY e o jornal Asahi Shimbun, de Tóquio, Japão, que tem por objetivo premiar instituições que desenvolvam programas originais, consistentes e continuados de promoção da leitura para crianças e jovens.

Este esforço pioneiro da FNLIJ, que de 1997 a 2002 contou com a parceria do PROLER, da Fundação Biblioteca Nacional, agora se consolida com a parceria da Petrobras. Esse importante apoio foi conquistado em 2004, durante o 6º Salão FNLIJ. Ao assistir a entrega dos



Da esquerda para a direita: Tânia Rösing (3º lugar), Sônia Ijano (2º lugar), Elizabeth Serra, Gisela Zingoni, Maria Célia Pessoa (1º lugar) e Barbara Andersen (Menção Honrosa).

prêmios aos vencedores dos Concursos FNLIJ, a empresa, que já apoiava a realização do evento, decidiu também apoiar o Concurso FNLIJ Melhores Programas. E este apoio resultou em reconhecimento em dinheiro aos vencedores. Depois de 9 edições do concurso “Melhores Programas”, essa foi a primeira vez que os vencedores receberam o prêmio em dinheiro, além do prêmio tradicional em livros e publicações da FNLIJ.

4º Concurso FNLIJ Leia Comigo



Glória Radino e Peter O'Sagae

O 4º Concurso FNLIJ Leia Comigo recebeu 42 textos nas categorias Relato Ficcional e Relato Real. Os vencedores foram:

Relato ficcional: *Linha a linha, Yolanda entrelaça*, de Peter O'Sagae, de São Paulo, SP;

Relato real: *Para que serve um sorriso?*, de Glória Radino, de Assis, SP.

O *Projeto Luz & Autor em Braille*, de Dinorá Couto Cançado, do Distrito Federal, recebeu Menção Honrosa, na categoria relato real.

O Concurso Leia Comigo, criado pela FNLIJ em 2001, tem como objetivo incentivar pais, professores e adultos em geral a lerem livros de literatura com as crianças, exercendo o seu papel de mediadores na relação da criança e do jovem com os livros. Os participantes enviam relatos – ficcionais ou de uma situação real – cujo tema seja a leitura compartilhada entre adultos e crianças e/ou jovens.

Os vencedores recebem como prêmio um acervo de livros de literatura para crianças e jovens e também a publicação dos textos em nosso informativo. Neste *Notícias 1*, estamos publicando um dos textos vencedores do 4º Concurso FNLIJ Leia Comigo: o relato ficcional: *Linha a linha, Yolanda entrelaça*, de Peter O'Sagae. Nas próximas edições do *Notícias*, vamos divulgar os outros textos vencedores.

2º Concurso FNLIJ Curumim

O 2º Concurso FNLIJ Curumim recebeu três trabalhos, dos quais um foi vencedor: o relato de Beatriz Sales da Silva, da E. E. Indígena Xucuri Kariri Warcanã de Aruanã, de Caldas, MG.

O Concurso FNLIJ Curumim tem como proposta incentivar professores a lerem e trabalharem, com seus alunos, livros de qualidade de escritores indígenas. O Concurso foi criado em 2004, último ano da década dedicada aos povos indígenas pela UNESCO, e conta com a parceria do escritor Daniel Munduruku.

2º Concurso FNLIJ Tamoios

O 2º Concurso FNLIJ Tamoios, destinado a autores indígenas e realizado em parceria com o INBRAPI – Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual, teve 1 concorrente, sem vencedor. Esperamos que para este ano de 2006 apresentem-se mais concorrentes. Convidamos a todos que tenham contato com potenciais escritores indígenas de literatura para crianças e jovens que os incentivem a encaminhar seus textos para a FNLIJ.

1º lugar: Relato ficcional

O vencedor do 4º Concurso FNLIJ Leia Comigo, na categoria Relato Ficcional, foi o texto *Linha a linha, Yolanda entrelaça*, de Peter O'Sagae, de São Paulo, SP, que estamos publicando nesta edição do *Notícias*, que inaugura o ano de 2006.

O autor deste relato, Peter O'Sagae, é professor de literatura infantil e juvenil e Doutorando em Estudos Comparados - Letras na Universidade de São Paulo – USP. É o idealizador do site www.dobrasdaleitura.com/index

Na edição n. 28, Ano VI, nov./dez. 2005 deste informativo on-line, Peter O'Sagae fala da premiação recebida e comenta: “O texto *Linha a linha, Yolanda entrelaça* é uma narrativa-homenagem que resgata emoções e descobertas vividas durante os serões matutinos de leitura compartilhada, na 7ª série, com Yolanda Kinuyo Matsuda, minha querida professora, e que fora, ela mesma, nos tempos de ginásio, aluna da professora Nilce Sant'Anna Martins, hoje uma das maiores autoridades em Estilística da Língua Portuguesa. Daí certamente porque Yolanda sabia transmitir sempre a imagem e a calma melodia das palavras.”

O site traz fotos e reportagens sobre o 7º Salão FNLIJ, além de artigos, resenhas de livros, links com outros sites de literatura infantil e muito mais.

Linha a linha, Yolanda entrelaça

Peter O'Sagae

De sua voz, a janela fora aberta ao toque. Eu ainda estava à beira do texto quando sobressaltei num espanto. Jamais experimentara a velha vertigem de quem se deixa inesperadamente arremessar a novos espaços, sempre incertos e tão extensos para o exato exame de seus limites: que assim fosse, do papel passei olhos para a paisagem que começava elevar-se por entre letras e intervalos brancos. Desgarrei o livro e mirei atenção naquele vazio das coisas que ela contava e preenchia.

Houve um tempo, escutei apenas, *em que minha janela se abria...* E um chalé despontou diante e mal clareado. No alto do teto, um ovo azul, de louça e grande, num equilíbrio de quase se quebrar. Pois era então sobre o ovo bem arranjado que um costureiro pombo branco pousava. Desejei pensar perguntas de menino descrente, mas Yolanda linha a linha seguia.

- Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar.

Eu era criança, e achei essa ilusão maravilhosa.

Recordo como se o pintor de assombramentos, o monsenhor Magrite, novamente se achegasse dos bancos escolares pintando à nitidez da fantasia um sonho de olhos acordados. Afinal, também ele fora criança e escaparia por alguma janela de sua antiga sala de aula, sem atinar que, de quando em vez, pudesse voltar com o enigmático cachimbo que paira no ar. Ou que fizesse igualar céu e ovo de louça para a alegria de ver um invisível pouso de pássaro. Certo que é, naquele tempo, não filosofava idéias. Da admiração, resultou outra sorte de sumiço, e já não podia sentir-me completamente feliz como Cecília acabara de confessar: Yolanda seguia... Alheio, fiquei sem acompanhar de perto o que deveria emergir através do segundo parágrafo. Realmente perdi partes do texto, durante anos, na troca por uma imagem única.

Yolanda lia textos com grande intimidade. E os alunos notavam. Professoras de até então outras pareceram ditar frases sem música, sem sombra ou imagem, sem rumo das idéias. Os textos têm pois um andamento lá escondido, quase secreto. No tanto mais de seis anos, a escola ensinou a repetir tal qual cada ponto final soando solavanco. Ai de nós, na vista temida de Teresa Brava, não déssemos aquela entonação virada à derrapagem em uma pergunta. E a exclamação, dias longe de cedo que aprendêramos exagerar, nunca exclamou Cristina Marcha Lenta. Sem dar por nós, dormíamos.

Linha a linha, Yolanda fazia de todo texto tecido contrário, rico em detalhes. Que saltasse uma vírgula aqui outra ali, talvez fosse, na função de fazer falar o texto. Contava com estilo, quem ensinou, tanto confundia sua voz na voz do autor. E alterava compassos, e lembro hoje e ouço bem as pausas. Dava justiça ao tempo entre as palavras, como se pudesse separa-las à mão sem desenredar a história.

Houve uma vez em que a janela de nossas leituras se abriu para um intacto mulungu coberto de arribações nos ramos da literatura de Graciliano. Deixando atrás a porteira que um título apresenta, sobre-andávamos o chão seco do texto na cata de alguma palavra mais conhecida. Yolanda não tresvariava, colhia impressões da dificuldade entre os alunos, *provavelmente o sertão ia pegar fogo*. Quando a descoberta da árvore se fez, demos a entender que ali plantada arrancharia bandos de penas e bicos.

– Essas excomungadas levam o resto da água: querem é matar nosso gado!

Sinhá Vitória falaria assim e, imediatamente, franzi a testa. Porque desfeito e refeito em cerzidos zigzagues da leitura de Yolanda, o texto duplicou adentro seu espaço para aconchegar o leitor com a áspera beleza de suas frases. No entanto, a idéia de céu limpo tolhia-me os olhos naquela claridade de mau agouro. Cabisbaixei e vi apenas correr a sombra das arribações na face tosca da terra. *Espiei* os quatro cantos, uns minutos voltado para o norte, coçando o queixo.

Como era que Yolanda tinha dito? O feito dela tornava ao espírito de Fabiano que éramos e logo a significação aparecia. Matutando, a gente via que a leitura era assim, mesmo que o texto nos largasse tiradas embaraçosas. Percebi o que ela queria dizer, ri encantado com a aprendizagem. *Àquela hora o mulungu do bebedouro, sem folhas e sem flores, uma garrancharia pelada, enfeitava-se de penas*.

Por que é preciso aprender a olhar, a professora da professora abriu uma janela para ela com a vertigem do texto próprio de Guimarães. Eram lições de Dona Nilce com a palavra côncava dos sentidos. E procurei, partindo do Urubuquaquá até o Pinhém, a entremanhã rendada linha a linha que Yolanda lia, anos antes. Motivo que leitura não se faz por procuração, fosse a vida em idêntico rumo, onde se esconde não logro, logo suspeito o *recanto limpo e fundo, entre desbarrancados, tão sumido que parecia a gente estar vendo ali em sonho*.

Tão essenciais, as pausas de Yolanda eram surpreendentes, quando espontâneas. Emprestavam o tom inesperado às frases banais, expunham fácil o intrincado palavra a palavra. E bem lembro e ouço as pausas, a voz nunca sem qualquer quê extravagante. *De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranqüilas*. Oscilava pouco o corpo, durante a leitura. Vezes eu via: ela pegava um pássaro invisível entre o polegar e o dedo indicador, os três demais abertos em asa. Marcava a cadência no desenho de um oito pelo ar, enumerava os compassos em dois pequenos saltos breves e imaginários. E muito só.

Nossas aulas eram na parte da manhã, o que não impedia o tempo de toldar-se outro. À luz rara de um candeeiro, líamos um conto machadiano. Contava eu treze anos, e então me inteirava hóspede na casa assombrada de certo escrivão Meneses, no Rio de Janeiro, de uma antiga noite de Natal.

Logo, vi assomar à porta do texto o vulto de Yolanda.

– *Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo*.

Assim era ela. Quando em quando, Yolanda deitava olhos numa entrelinha fora do conto para adivinhar a reação dos alunos. Creio que deu por mim embebido na sua pessoa. Ela talvez soubesse, noutras leituras, que acabava uma narração ou uma explicação, eu inventava uma pergunta só para ouvir-lhe a palavra. Discreta, seguia o fluxo do conto. *E não saía daquela posição, que me enchia de gosto...*

Yolanda entrelaçou significados para toda minha vida. Calma, ela seguia o texto... irrompi à janela aberta por sobre um *terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda. À sombra da árvore, numa esteira, passava quase todo dia sentada uma mulher, cercada de crianças. E contava histórias*. Ao desmanchar a primeira imagem, contornei a palavra *arabesco* nos seus volteios de rabiscos, rama e aragem. Daí que a literatura à leitura da voz começava soar eterno esboço, o texto recompondo-se linha a linha em garatujas de outra qualidade e bem querer.

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ, indica para o Prêmio Hans Christian Andersen 2006:

Joel Rufino dos Santos
(Escritor)



Rui de Oliveira
(Ilustrador)

Conheça tudo sobre o **Prêmio Hans Christian Andersen** no site:
<http://www.geocities.com/gotefridus/andersen2006index.html>

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agir, Ática, Brinque-Book, Callis, CBL, Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, Cia. das Letrinhas, Cortez Editora e Livraria, Cosac Naify, DCL, Dimensão, Doble Informática, Edições SM, Edições Escala Educacional, Ediouro, Editora Ave Maria, Editora 34, Editora Bertrand Brasil, Editora Biruta, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora Jovem, Editora Leitura, Editora Zeus, Editorial Mercuryo Jovem, Forense, FTD, Fundação Casa Lygia Bojunga, Global, IBEP - Companhia Editora Nacional, Jorge Zahar Editores, José Olympio, Landy Livraria e Editora, Larousse do Brasil, Lê, L&PM Editores, Manati, Marcos da Veiga Pereira, Mary e Eliardo - ZIT Editoras, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nova Alexandria, Nova Fronteira, Objetiva, Pallas, Paulinas, Paulus, Pinakothke Artes, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, RHH, Rocco, Salamandra, Saraiva, Scipione, Shinseken Brasil Editora, Siciliano, SNEL, Studio Nobel.

EXPEDIENTE • Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers • Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Elizabeth D'Angelo Serra, com colaboração de Magda Frediani • Revisão: Magda Frediani • Diagramação: Zero Produções

Gestão FNLIJ 2005-2008 • **Conselho Diretor:** Bia Hetzel, Gisela Zingoni (Presidente), Ísis Valéria • **Conselho Curador:** Carlos Augusto Lacerda, Laura Sandroni, Luiz Alves Júnior, Regina Lemos, Sonia Machado, Suzana Sanson • **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira, Terezinha Saraiva • **Suplentes do Conselho Fiscal:** Jefferson Alves, Mariana Zahar, Regina Bilac Pinto • **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszflog, Alexandre Martins Fontes, Annete Baldi, Ana Ligia Medeiros, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Evanildo Bechara, Ferdinando Bastos de Souza, Fernando Paixão, José Alencar Mayrink, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Olavo Monteiro de Carvalho, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Rogério Andrade Barbosa, Silvia Gandelman, Wander Soares • **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente Notícias.
Tel.: (0XX)-21-2262-9130
e-mail: fnlij@alternex.com.br
www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@alternex.com.br